

Brasil perde oportunidade e desperdiça bônus demográfico

População envelhece sem que país tenha aproveitado cenário favorável

Renan Marra

SÃO PAULO O mundo chegou a 8 bilhões de pessoas, tendo o Brasil na sétima posição dos Estados mais populosos, com 215 milhões de indivíduos. Nos próximos anos, o país vai perder posições e terá de lidar com diminuição proporcional do número de jovens e o envelhecimento acelerado, acima do esperado na média global. Projeção da ONU aponta o ápice populacional do país

em 2046: 231 milhões de habitantes. Depois, o número de brasileiros começará a diminuir. A expectativa é que, até 2100, haja uma queda expressiva, com a população baixando para 185 milhões. Globalmente, a diminuição está mais distante: o mundo deve registrar o pico somente em 2086, com 10,4 bilhões de pessoas. Em 2100, serão 10,3 bilhões. A transição no Brasil acende alertas para a mudança da fase que os especialistas cha-

mam de "bônus demográfico" para o "ônus demográfico". Na primeira, o crescimento econômico é favorecido pela maior proporção de jovens e adultos que trabalham e contribuem com a Previdência. Na segunda, o número de idosos é maior, o que pode tirar o impulso da economia e impactar o sistema de saúde. O processo do bônus brasileiro começou na década de 1970 e teve o auge de 2015 a 2020, aponta José Eustáquio

Diniz Alves, doutor em demografia e ex-professor da Escola Nacional de Ciências Estatísticas. Mas, por diversos fatores, o país tem desperdiçado parte do período favorável. Agora, o que ele chama de janela de oportunidades está se fechando sem que o Brasil tenha de fato potencializado o crescimento. "Podemos fazer uma analogia com uma casa. Até 2020, as janelas estavam se abrindo e mais luz entrava. Depois, começaram a se fechar. Ainda tem luz, mas em quantidade cada vez menor", diz o demógrafo, estimando que o país entrará na fase de ônus demográfico a partir de 2035.

O bônus demográfico é visto como período ideal para crescimento econômico e salto na qualidade de vida da população. "O problema é que o Brasil tem aproveitado apenas parte do bônus, não sua totalidade. Nos últimos sete anos, houve muito desperdício."

De 2015 a 2016 a crise econômica roubou milhões de postos de trabalho. Mais recentemente, os efeitos da pandemia de Covid-19 e a Guerra da Ucrânia desencadearam aumento da inflação e alta no preço dos alimentos em nível global, impondo travas também à economia brasileira.

O desperdício do bônus está relacionado ao desemprego. Sem taxa de ocupação adequada, o país não consegue capitalizar o potencial de todo o contingente da população apta a produzir. No terceiro trimestre deste ano, a taxa de desemprego no Brasil ficou em 8,7%, segundo dados do IBGE divulgados no mês passado.

O demógrafo Ricardo Ojima, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e ex-presidente da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, reforça o consenso de que o país poderia ter aproveitado melhor o bônus com investimentos públicos de longo prazo nas áreas de educação e qualificação de jovens para atender demandas específicas, como no setor de tecnologia, que sofre com falta de mão de obra especializada.

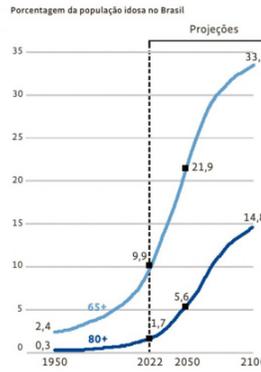
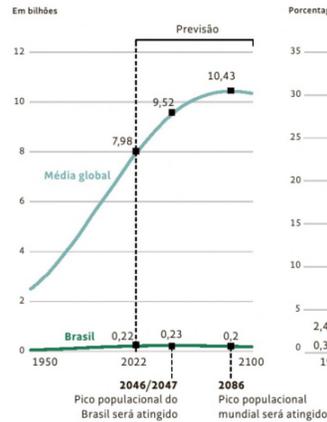
"Mas os investimentos do atual governo em educação foram secundarizados. O orçamento do ensino superior hoje é um dos mais baixos nos últimos anos. Fica difícil ampliar o conhecimento tecnológico se há diminuição sucessiva do volume de recursos", diz.

Ao mesmo tempo que vê queda na taxa de fecundidade, o Brasil registra avanços nos indicadores de saúde e maior expectativa de vida. Segundo a ONU, os brasileiros estão vivendo em média 73,4 anos, alta de 52% em relação a 1950, quando a média era de 48,1 anos.

O envelhecimento proporcional não é um desafio só do Brasil. Estudo da FGV Social aponta que, até 2060, 95% de uma lista de 201 países terão diminuição no percentual de jovens. Segundo o levantamento, em pouco menos de 40 anos a proporção de brasileiros de 15 a 29 anos (15,3%) estará mais próxima do extremo mínimo projetado para a Coreia do Sul (11,7%) do que da média mundial (20%).

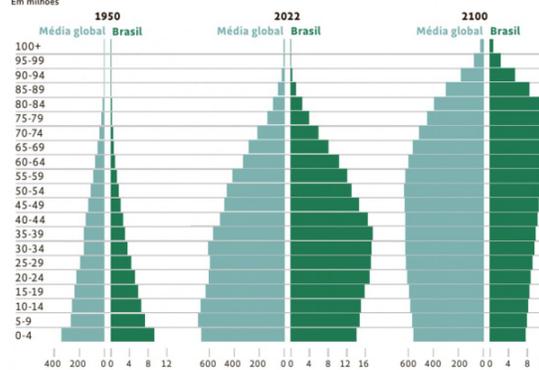
A diferença é que o governo sul-coreano tem aproveitado melhor o momento de transição demográfica, com forte processo de industrialização e investimento maciço em educação e tecnologia, além da melhoria na qualificação dos jovens, aponta Ojima. Fatores nos quais, em geral, o Brasil tem falhado até aqui.

População brasileira deve começar a diminuir 39 anos antes que a média global

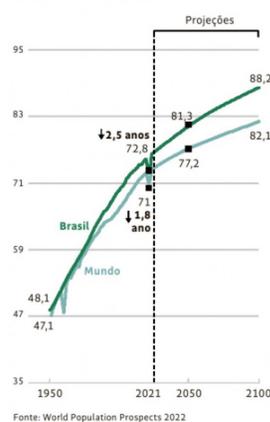


Pirâmides etárias

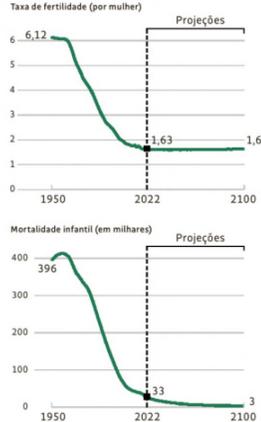
Enquanto em 1950 só 2,4% dos brasileiros tinham mais de 65 anos, esse número chega próximo a 10% em 2022



Queda na expectativa de vida na pandemia foi maior no Brasil que na média global



Brasil registra diminuição das taxas de fecundidade e melhoras em indicadores de saúde



Fonte: World Population Prospects 2022